

Câmaras Brasil-EUA destacam democracia

Os membros da Associação das Câmaras Americanas de Comércio no Brasil, que representam mais de mil empresas brasileiras e estrangeiras, no eixo Rio/São Paulo estão tranquilos com relação à definição de quem será o próximo Presidente do Brasil. "Mais importante do que um ou outro candidato, é a consolidação da democracia", disse ontem o presidente da associação, Robert Christofer Lund, um empresário americano que vive há 27 anos no Brasil.

A confiança nos mecanismos democráticos, segundo ele, foi reforçada pela "falta de incidentes" durante a realização do primeiro turno das eleições presidenciais, depois de tantos anos de abstinência. A reação do presidente da Fiesp, Mário Amato, sobre a eleição de um candidato como Luiz Inácio Lula da Silva pode ser considerada exagerada pelos empresários estrangeiros que investem no País e pelos brasileiros que exportam para os Estados Unidos, e que compõem as Câmaras.

"Nenhum empresário que conheço está pensando em sair do País, depois de uma eventual eleição de Lula para a Presidência", afirmou Christofer Lund. Segundo ele, o potencial de investimentos do Brasil é enorme. "O que vai determinar a vinda de capital estrangeiro será a sensação de que a economia do País está sob controle e de que há estabilidade e administração. Precisamos ter uma direção clara, que faça com que a economia possa crescer naturalmente", explicou.

Esta é, basicamente, a única condicionante dos empresários ligados às Câmaras Americanas de Comércio, com relação ao futuro Presidente. Fora isto, não se prevê nenhuma medida que implique em mudanças, que torne a situação dos investimentos muito diferente do que acontece hoje. Segundo Lund, os investimentos dos empresários ligados às Câmaras de Comércio representam um terço do total dos investimentos estrangeiros,

ou seja: 10 bilhões de dólares.

Sem se referir a nenhum dos dois candidatos, o empresário acabou falando de pontos-chaves dos projetos econômicos que certamente serão objeto de campanha até o dia 17 de dezembro: dívida externa e intervenção do Estado na economia. A Associação das Câmaras de Comércio Americanas, segundo Lund, não está de acordo com um modelo protecionista com relação ao empresariado.

"O protecionismo não é viável", afirma Christofer Lund. Segundo ele, qualquer proteção distorce a real situação da empresa e dificulta sua capacidade de competição a nível internacional. O modelo a ser implantado daqui para a frente deverá ser do tipo exportador e, por isso, o próximo Governo não deverá adotar medidas no sentido de poupar os investidores nacionais.

DÍVIDA

Na questão do pagamento da dívida externa, o diálogo é fundamental. "Existe a necessidade de uma solução viável para a dívida, que leve em conta a realidade do sistema financeiro internacional e dos países devedores. Neste sentido, qualquer moratória unilateral teria reflexos negativos a nível internacional. Desde que haja diálogo, não haverá reação". A posição do empresário não foi acompanhada de nenhum comentário sobre as posições que Lula ou Collor têm adotado durante a campanha.

A aparente tranquilidade do empresário americano pode ter uma explicação. Segundo ele mesmo afirmou, o próximo Presidente terá que conviver com um Congresso Nacional com mais poderes do que o Congresso que acompanhou os governos nas últimas décadas. "Os partidos dos candidatos eleitos são pequenos e precisarão de alianças para poder governar", explicou. "Numa democracia todos os setores precisam do Congresso", concluiu.